

Literatura como instrumento de militância dos Feminismos Negros

RESUMO

Este estudo inicia apresentando o racismo como problema estrutural da sociedade ocidental contemporânea. Neste cenário, discute-se a ideia de “sujeito universal neutro”, desvelando esta suposta universalidade como uma subjetividade exacerbada e bastante específica: a especificidade do homem, branco, cis, ocidental e hétero, ou seja, o ‘padrão ideal’ e ‘socialmente valorizado’. Em seguida, aponta a literatura como instrumento de militância para os feminismos negros. Para tanto, define-se como estratégia metodológica o estudo bibliográfico de importantes escritoras negras contemporâneas, destacando, em especial, Paulina Chiziane, primeira mulher a publicar um livro de literatura em seu país, Moçambique, e que faz, de sua escrita, instrumento de enfrentamento ao racismo e ao machismo estrutural em sua sociedade. Para concluir, apresentam-se importantes escritoras negras como exemplo desta militância literária. Mulheres que, através de seus romances, crônicas e poemas, denunciam os problemas raciais e de gênero em sua sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura feminista. Racismo estrutural. Feminismos negros.

Andrea Maila Voss Kominek
E-mail: amvkominek@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná

Ana Christina Vanali
E-mail: anacvanali@yahoo.com.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná

Silvio Andrade Moreira Rezende
E-mail: silviorezende@alunos.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre fatos cujas raízes perpassam não só pela história e formação da nação brasileira, como também engendram “conexões risomáticas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15) na conformação do pensamento e da cultura do povo brasileiro, recorreremos às suas referências sociais, econômicas e culturais.

Nosso comportamento prático, concreto e cotidiano é determinado pelas ideias que temos. Ideias que, quando não refletidas, tornam-se ‘naturais’. Tornam-se imperceptíveis, como o ato de respirar ou andar. Ideias tendem a ser vistas como coisas apartadas da realidade. Habitariam o universo dos grandes ‘pensadores e teóricos’. Ideias que não influenciariam a ‘vida real’. (DELEUZE; GUATTARI, 2010)

Abdicar de refletir sobre as ideias que nos guiam seria abrir mão de refletir sobre a vida que se leva. Seria ter a capacidade de reflexão e nunca usá-la. Uma destas ideias irrefletidas e naturalizadas, sobre a qual se sustenta toda a sociedade, é o chamado “racismo estrutural”.

Neste sentido, o presente artigo apresenta o conceito de racismo estrutural e traz luz sobre a necessidade de desconstruir a ideia de “sujeito universal neutro”, desvelando que a suposta universalidade caracteriza-se, em realidade, por uma subjetividade exacerbada e muito específica: a especificidade do homem, branco, cis, ocidental e hétero, ou seja, o ‘padrão ideal’ e ‘socialmente valorizado’.

Após refletir sobre a questão da ‘universalidade do sujeito neutro’, o artigo apresenta a literatura como instrumento para a desconstrução desta ideia naturalizada. Neste sentido, apresenta exemplos de como a literatura tem sido utilizada pela militância dos feminismos negros. Para tanto, definiu-se como estratégia metodológica o estudo bibliográfico de importantes escritoras negras contemporâneas, destacando, em especial, Paulina Chiziane, primeira mulher a publicar literatura em seu país, Moçambique e que faz, de sua literatura, instrumento de enfrentamento ao racismo e ao machismo estrutural em sua sociedade. Para concluir, apresentam-se importantes escritoras negras como exemplo desta militância literária. Mulheres que, através de seus romances, crônicas e poemas, denunciam os problemas raciais e de gênero em sua sociedade.

RACISMO ESTRUTURAL E SUA INVISIBILIDADE NA SOCIEDADE

Racismo estrutural é inerente à ordem social, às suas estruturas e mecanismos jurídicos, em todos os âmbitos das sociedades. Resulta em práticas discriminatórias. Podem existir sem qualquer iniciativa ou envolvimento direto das autoridades públicas. Ocorrem normalmente de forma subliminar, “naturalizada” pela prática social. Para uns, confere e sustenta privilégios, para outros, gera discriminação e exclusão social. (KOMINEK; VANALI, 2018, p. 89)

Retornemos agora aos anos de 1930, pelo olhar descrito por Jessé Souza e Rafael Valim (2018), quando o Brasil se encontrou em uma encruzilhada histórica. Até a “República Velha”, existia uma máscara pseudodemocrática da antiga sociedade escravocrata, que havia abolido apenas formalmente a escravidão, e mantido os negros, pobres e marginalizados, sem acesso à terra e depois fora do

acesso à educação. Uma sociedade para poucos, marcada pela exclusão econômica e social, provocando a humilhação dos oprimidos e abandonados.

A síntese de Vera Soares (1994) denuncia como o racismo foi mascarado pela ideologia da "democracia racial", que a partir das ideias em especial de Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala*, propagava a ideia de que negros e brancos viveriam harmoniosamente, e de que a raça e a cor da pele não fariam qualquer diferença na inserção social no Brasil. Algo muito distante da realidade social brasileira. Resulta daí o ocultamento da realidade de vida da maioria da população e a busca por um processo de 'branqueamento', tanto individual através da miscigenação, como por políticas de Estado, através do incentivo à imigração europeia.

Desta forma, a partir do racismo estrutural, o racismo individual torna-se, como afirma Kabengele Munanga (1999), o "crime perfeito". Crime perfeito porque temos uma sociedade extremamente racista, na qual as pessoas se reconhecem racistas. Ou seja, um país racista, sem racistas. Crime perfeito no qual a vítima do racismo é levada culpar-se pelo crime do qual é vítima, uma vez que ao revoltar-se é vista como 'complexada' e seu discurso tratado como 'mimimi'.

A naturalização do racismo o invisibiliza para, desta forma, mantê-lo vivo e forte, através de 'piadas' e 'brincadeiras' racistas, ou do estímulo a padrões de beleza e valores eurocentrados. Um dos efeitos deste racismo estrutural reside na ideia de que o sujeito branco não seria específico, como o negro, mas sim universal. Qualquer leitura de mundo e percepção da realidade constitui uma leitura parcial, específica, a partir de 'uma' perspectiva, sendo assim, portanto, um recorte da realidade. Porém o racismo estrutural faz com que o sujeito 'branco' seja tomado como universal, enquanto o sujeito 'negro' compreendido como 'específico'. (RIBEIRO, 2017)

A partir do quadro apresentado, interessa-nos, neste momento, a questão da identidade e da subjetividade. Particularmente para aqueles sujeitos considerados 'migrantes pós-coloniais' e que protagonizaram histórias da diáspora africana – povos negros originários do continente africano. Nesta trajetória a reivindicação de uma identidade individual e coletiva como é o caso das mulheres negras tem sido um processo histórico com resultados empoderadores deste sujeito.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NEGRAS

Um movimento social como o feminismo burguês europeu, composto exclusivamente por mulheres (brancas), dificilmente atenderia ou se quer entenderia as demandas de mulheres negras. Ao estudar a 'história do feminismo', provavelmente esta história será contada a partir da perspectiva europeia, da luta pelo direito ao trabalho e pelo sufrágio universal, por exemplo. Lutas que, no entanto, não necessariamente atendem às necessidades e à pauta de mulheres negras.

Ainda que sejam observadas e reconhecidas contribuições deste feminismo hegemônico para as mulheres enquanto grupo, não o faz de modo universal entre todas as mulheres. A identidade dos feminismos negros contempla necessidades e características diversas do conjunto observado no movimento feminista branco. Vejamos, por exemplo, a partir da Primeira Guerra Mundial quando as mulheres brancas foram impelidas, durante a guerra, a assumirem o papel de provedoras da

casa, em razão dos homens estarem nos campos de batalha. Ao final da guerra, com o retorno dos homens às funções socioeconômicas, as mulheres passaram a perder lugar no mercado de trabalho. Neste contexto, o movimento feminista hegemônico (brancas) se instituiu como mecanismo para lutar pelos direitos trabalhistas de igualdades destas mulheres. Enquanto estas feministas brancas reivindicavam seus direitos trabalhistas em manifestações e passeatas nas ruas, no entanto, provavelmente seus filhos estavam em casa, sendo cuidados por mulheres negras, que ali trabalhavam.

Assim, quando olhamos para a população de mulheres negras, boa parte do “trabalho” já havia sido ‘naturalizado’, desde os longínquos tempos da escravidão-subalternidade nos serviços domésticos, entre outras atividades nas quais a presença de mulheres negras era maciçamente predominante, para não dizer a quase totalidade. Por este motivo, a reivindicação dos movimentos de mulheres negras não poderia ter como foco o acesso ao mundo do trabalho, mas extrapolavam esse conjunto pontual de exigências.

Ao organizarem-se como mulheres negras, sob o viés político de suas múltiplas opressões, as mulheres negras assumem uma subjetividade compartilhada por suas experiências de vida, configuradas sob a equação do racismo e exploração sexual (JABARDO, 2012), conferindo ao movimento a pluralidade de suas manifestações. Assim, o feminismo negro como movimento representativo dessa consciência torna-se espaço e marco para articulação de diversas identidades, como mulheres negras de diferentes origens étnicas, classes e sexualidade.

As mulheres negras, ao criarem suas formas próprias de organização, se constituíram numa vertente dos movimentos feministas. Ao iluminarem as questões da diferença entre as mulheres negras e brancas e ao introduzirem a necessidade concreta de se utilizar a categoria ‘raça’, além da categoria ‘gênero’, para uma compreensão da realidade de exclusão das mulheres negras.

Evidencia-se aqui, a não existência de um sujeito histórico único e universal, que enfrenta e transforma estas relações em nome de todos os oprimidos. Evidencia-se a limitação de um movimento feminista que pense ‘as mulheres’, de forma universal. Por este motivo há a necessidade de se pensar em ‘feminismos’, no plural, assim como em ‘feminismos negros’, no plural. Os movimentos feministas são compostos por uma multiplicidade de sujeitos que, desde sua opressão específica, questionam e atuam para transformar esta situação (SOARES, 1994). A essa abordagem se alinha o pensamento de bell hooks (2018, p. 8), ao sintetizar que “nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, pessoas femininas e masculinas, mulheres e homens, meninas e meninos, a se aproximar do feminismo”.

Ao adentrar no entendimento do construto dos feminismos negros, recorreremos ao aporte dos estudos e pesquisas envolvendo interseccionalidade e subjetividade no universo das mulheres negras. A maneira como as mulheres negras percebem o racismo e se subjetivam a partir dele, pode gerar tanto marcas de impossibilidades, como de possibilidades de vida. Considerando que

o processo de subjetivação acontece através da cultura, da história coletiva e social de outras mulheres negras e compreende a dimensão processual permanente, no qual todos os momentos expressam a

unidade inseparável do simbólico com o emocional” (XAVIER, 2017, p. 276).

Como observa Eliana Costa Xavier e Kátia Bones Rocha (2017, p. 275), “os sentidos subjetivos também se constituem através da percepção da relação social desigual hierárquica entre negros e brancos e da invisibilidade da população negra”. Coaduna com esse olhar a condição das mulheres negras, protagonistas dos feminismos negros, que assim como outros sujeitos

são construídos a partir de identificações e marcas de diferença, os quais se articulam e dizem sobre ele e de seus construtos de pertencimento e, indicam o lugar de onde o sujeito se afirma em relação à sociedade. Os marcadores identitários são construídos através de inúmeros processos nos quais as vivências históricas, culturais e econômicas do sujeito reverberam e se interseccionam mutuamente no espaço social, no qual este se constituiu” (LIMA, 2013, p. 49)

Do terreno fértil e das lutas dos movimentos de mulheres negras, os feminismos negros encontram condições para elaborar pautas que melhor representem essas mulheres, que reivindiquem o espaço usurpado deste grupo, que viabilizem a plena integração das mulheres negras como “sujeitos políticos de direitos”.

Incorre desta forma, que ações, reivindicações e pautas incorporadas à agenda dos feminismos negros procuram estabelecer, proporcionar e garantir, particularmente, às mulheres negras os espaços para sua existência, em todos os sentidos.

Em um cenário no qual são prementes mudanças na condição identitária da mulher negra, tais mudanças acabam por se tornarem exceção. Assim, os feminismos negros, dentre tantas outras agendas e pautas emergenciais, buscam estabelecer prioridades para a (sobre)vivência das mulheres negras na sociedade diante das adversidades econômicas, políticas, sociais e culturais a que estas são submetidas em uma sociedade machista, racista e eurocêntrica.

LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE MILITÂNCIA DOS FEMINISMOS NEGROS

Ao mesmo tempo em que o movimento exhibe e potencializa diferenças das diversas vertentes dos feminismos negros, também preconiza e exige respostas para superação destas crises, vislumbrando a melhoria das condições de vida das mulheres negras. Certamente o desafio de (re)pensarmos as formas dos feminismos negros e se (re)instalar nesse espaço, requer práticas democráticas, diferente daquelas que fundaram a suposta “democracia racial”, (re)significando o lugar da mulher negra na sociedade, desde as formas mais simples de cidadania à dimensão e amplitude da igualdade destes sujeitos, em sua plenitude. Neste contexto, a palavra, sob a forma de literatura, assume importante instrumento de luta.

A literatura, como expressão da multiplicidade cultural, busca resgatar a ancestralidade e historicidade do papel da mulher negra na formação da sociedade, assim como romper com as amarras e fronteiras impostas aos sujeitos da diáspora africana. Através destas narrativas, as comunidades diaspóricas procuram (re)estabelecer uma relação ontológica com seu passado. Não ficam

restritas à recuperação e utilização do passado, mas à sua valorização. Alimenta um movimento de relação com as origens africanas, apontando um horizonte e uma vocação para melhor entender e retratar este rico e amplo continente. A literatura como forma de descolonizar olhares e almas.

Os enfrentamentos e denúncias se fazem presente no universo da literatura produzida por mulheres negras. Nos dizeres de Paulina Chiziane, escritora, negra, moçambicana, sintetiza:

[...] as etiquetas que os estudos e academias colocam sob as coisas, às vezes não dizem muito ... os gêneros literários – o que é isso? Eu venho de uma cultura banto, onde a literatura é oral e se faz a volta de uma fogueira. E quem é que faz? Normalmente são mulheres ... Quem sou eu neste mundo que escreve? ... No mundo europeu quando se escreve é o masculino que escreve e no mundo africano quando se conta história, portanto escrever oralmente, são as mulheres que o fazem ... no mundo europeu o lugar maior é para os homens e para as mulheres não ... na minha infância houve mais mulheres contanto histórias, socializando as crianças, e os homens não ... (CHIZIANE, 2018, *online*)

A construção de Chiziane (2018), resgata um pouco da historicidade e do lugar da mulher negra no processo de (des)colonização, retratando dificuldades deste sujeito em ocupar seu lugar num universo de discriminação, utilizando sua narrativa como mecanismo para transcender a alienação colonial.

[...] o acesso à educação em Moçambique foi primeiro para os brancos (homens), depois para as mulheres (brancas), depois para as homens e mulheres mestiços, e finalmente homem negro e, mesmo no fundo da pirâmide estava a mulher negra. Publiquei meu primeiro livro em 1990 ... Num sistema colonial tive acesso à educação ... uma educação que privilegiou homens, primeiro homem branco e finalmente homem negro, e as mulheres aparecem no fim. Houve homens que faziam romances, mas mulheres não ... Quando o livro saiu muita gente perguntou: Paulina tu escreveste mesmo aquilo? É um romance mesmo? De quem copiaste? (CHIZIANE, 2018, *online*)

Primeira moçambicana a publicar um livro em seu país, Paulina Chiziane desafia questões raciais e de gênero em sua literatura, como é visto em *Niketche- Uma história de Poligamia*, romance sobre a tradição e condição feminina moçambicana frente ao casamento e aos desejos. Rami, protagonista da história, percebendo que não consegue ter a atenção e o amor do marido, sugere que ele tenha uma relação poligâmica. Em *O canto dos escravos*, a autora revela o percurso dos escravos no país de origem e no continente, revisitando o passado escravocrata e trazendo histórias de dor, alegria e esperança. No dueto com a Mariana Martins inscreve *Ngoma Yethu: o Curandeiro e o Novo Testamento* na reflexão teológica de onde emergem temas tão caros, controversos, polêmicos como as origens da Humanidade, do Cristianismo e da intelectualidade universal. Esses diálogos entre passado, presente e futuro são importantes, segundo a autora, para compreendermos melhor o desenvolvimento da cultura e resistência negra.

Em uma sociedade na qual a literatura tem sido, tradicionalmente, território de homens, brancos e burgueses, conforme percebemos no relato de Chiziane (2018), os enfrentamentos do feminismo negro deparam-se com a tenacidade de estruturas sociais rígidas, fortemente engendradas por estratificação social e de gênero cujas raízes emergem do pensamento eurocêntrico.

Enquanto um escritor homem, por exemplo, reconhecido e valorizado, é tido como ‘um bom escritor’ (universal), uma escritora mulher, também reconhecida e valorizada, será considerada uma ‘boa escritora mulher’ ou, em muitos casos, uma ‘boa escritora negra’ (específico). Tal situação evidencia-se, por exemplo, quando em um texto acadêmico que segue as normas da ABNT, aponta-se uma citação utilizando apenas o sobrenome do autor na citação. Neste caso, para o leitor que não conhece o autor citado, existe uma enorme tendência a supor que ele (autor) seja ‘homem, branco e hétero’, ou seja, o padrão vendido como ‘universal’, mesmo quando na realidade trata-se de uma escritora mulher, trans, negra e lésbica. Tal situação pode ser ilustrada através da reivindicação da escritora ‘bell hooks’ ao exigir que citações de seus textos sejam feitas utilizando nome completo e letras minúsculas, como forma de evidenciar a invisibilização da mulher neste processo machista e eurocentrado dos padrões acadêmicos.

Pode-se dizer que a Literatura Africana trata, em seu cerne, de amplificar a voz daquelas historicamente silenciadas. Conforme reiterado pela crítica literária pós-colonial, percebe-se que essa literatura atinge sua plenitude quando o nativo escreve sem a supervisão do colonizador, encontrando sua própria voz após tê-la suprimida pelo violento processo colonial. Ainda quando o nativo se serve da língua, discurso e voz do colonizador para trazer à tona vozes que de outra forma permaneceriam silenciadas. (ADICHIE, 2011)

Essa realização, contudo, só é atingida plenamente através de um processo de *descolonização*. Nele, são realizadas reinterpretações de obras oriundas da cultura do colonizador, lançando as bases para a *reescrita*, isto é, a produção de uma nova escrita, desta vez a partir do ponto de vista do colonizado. Assim, instaura-se um contradiscurso, que, ao contestar o cânone eurocêntrico, questiona os pressupostos transmitidos pelos detentores do poder colonizador.

O “vozeamento” do nativo é perceptível de forma exemplar, por exemplo, no romance *A confissão da leoa*, de Mia Couto. Embora branco, homem e descendente de portugueses (representantes do poder colonial em Moçambique), o autor moçambicano dá lugar de destaque e protagonismo, em sua obra, para a mulher negra, sendo perceptível a influência das tradições moçambicanas em seus escritos. Além disso, é perceptível a construção de um texto *polifônico* que, conforme a ótica de Mikhail Bakhtin (2008), tornaria audível a voz do nativo local pela sua *multiplicidade de vozes*.

Outro exemplo significativo de literatura negra feminista militante é Chimamanda Ngozi Adichie que, além de ser um dos nomes mais influentes e difundidos da literatura africana, tem em sua biografia um evento que ressalta a importância do contato com esses textos. Ao longo de seus anos formativos, a escritora consumia sobretudo as literaturas europeia e americana. Embora esses textos lhe sejam de grande interesse e influência, Adichie narra, em um TED Talk *o perigo da história única* (ADICHIE, 2011), que não se sentia representada por eles. Os heróis desses livros eram sempre brancos, e faziam referência a um contexto cultural por ela desconhecido. Seu posterior contato com produções literárias de

origem africana, no entanto, mostrou-lhe que essas histórias não necessariamente precisavam ser protagonizadas por brancos. Assim, servida dessas influências e reflexões, a autora passou a traçar seu próprio caminho.

Ademais, a literatura de Chimamanda traz os embates sofridos na Nigéria até tornar-se país independente da Inglaterra, como nos revela a obra *Meio sol amarelo*, de 2006. Além da temática política, social e econômica, a autora retrata a influência cultural deixada pela colonização, como é o caso de *Hibisco roxo*, primeiro livro da nigeriana, de 2003. Nele é apresentada a história de Kambili, uma adolescente que recebe uma criação extremamente religiosa cristã do seu pai. Durante a narrativa da vida de Kambili, o romance mostra a Nigéria atual, influenciada pela colonização.

Certamente, Chimamanda é conhecida tanto por seus manifestos feministas, quanto por suas produções literárias em romances. O primeiro TED Talk do qual a autora fez parte, *O perigo da histórica única* (ADICHIE, 2011) denuncia os malefícios de visões estereotipadas sobre determinadas culturas. Nessa conferência, a autora recorda de situações em que pessoas criaram um imaginário sobre a África, generalizando-a como pobre, com doenças e vista como um único país. Também relembra situações em que estranharam o fato da autora saber falar inglês e ouvir música americana, por exemplo. Chimamanda alerta sobre o perigo desses preconceitos, em que a cultura africana é homogeneizada e subjugada.

Em sua segunda participação do TED Talk, *Sejamos todos feministas* (ADICHIE, 2017), de 2014, posteriormente convertido em livro, Chimamanda reflete sobre o termo feminista e sobre a ideia distorcida criada sobre o termo. Esse importante relato da escritora coloca em discussão o processo de naturalização das diversas formas de violências contra a mulher, como podem ser: agressões físicas e psicológicas, oportunidades profissionais desiguais, imposição de casamento, papéis definidos por gênero, tarefas domésticas, dentre outros. Assim, Chimamanda, através de sua literatura, se faz resistência duplamente, como mulher e como negra.

Destacou-se neste texto, dois nomes representativos do movimento feminista negro na literatura, a título de exemplificação, porém não seria possível abordar este tema sem aos menos nomear personalidades mundialmente fundamentais para este movimento, como Soujourner Truth, Angela Davis, bell hooks, dentre outras.

Dentre as feministas negras brasileiras é igualmente fundamental destacar algumas das representantes que tomam a literatura, com instrumento de militância feminista negra, dentre elas: Carolina de Jesus¹, Lélia Gonzales², Sueli Carneiro³, Conceição Evaristo⁴, Djamila Ribeiro⁵.

Outras escritoras negras feministas poderiam ser mencionadas, porém trata-se, neste momento, apenas de ilustrar o quanto a literatura, a palavra escrita, através de suas mais diversas mídias, pode constituir-se em importante instrumento de enfrentamento às desigualdades de gênero e de raça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos sociais, dentre eles os feminismos negros, emergem da necessidade de mudança de olhares, mas não apenas disso. Emergem da forma como a sociedade ocidental branca e eurocêntrica se configurou. Negros e negras são aceitos quando ocupam ‘lugares subalternos’, quando assumem ‘o seu lugar na sociedade’, como empregadas domésticas, faxineiras ou seguranças. Quando assumem protagonismo e amplificam sua voz, no entanto, tornam-se um problema, muitas vezes tratados como ‘complexados’ e seus discursos tratados como o famoso ‘mimimi’.

Diante deste cenário, as manifestações identitárias dos feminismos negros, há muito, deixaram de ser apenas uma questão de emancipação, igualdade e expressão. A identidade é ‘reclamada’ e não quer se submeter às formas de opressão, sob ‘disfarces’ que se apresentam, por vezes reduzidas, como ações afirmativas (MOEHLECKE, 2002). As vozes da ‘multiplicidade’ reclamam os ‘lugares dos sujeitos’, especialmente o lugar da mulher negra. Os espaços ‘precisam ser ocupados’ e uma (re)configuração da sociedade deve promover um mundo em que haja ‘lugar para todxs’, não apenas numa estrutura de igualdade disfarçada e politicamente correta, em espaços ‘líquidos’. (BAUMAN, 2007)

Nesse sentido, subjaz à nossa condição de sociedade o entendimento de bell hooks (2018, p. 14)

uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos ‘iguais na criação.

Assim, a singularidade da multiplicidade de movimentos como os feminismos negros, representam possibilidades de mudança para a equidade de relações.

Por fim, conclui-se que a literatura feminista negra, de modo geral, construiu-se a partir de resistências descoloniais, como instrumento para visibilizar histórias tradicionais de fortalecimento das identidades e de construção de uma sociedade justa e igualitária.

The literature as a militancy tool of black feminisms

ABSTRACT

This paper begins by presenting racism as a structural problem in contemporary western society. This problem permeates all sectors and instances. In this scenario, the essay deconstructs the idea of “universal neutral subject” and denounces the supposed “universal” subject as a very specific one: western straight white male; in other words, the “ideal standard”, “socially valorized”. Presented this context, the study proceeds to its main goal: point literature as an important militancy tool for black feminisms. In conclusion, important black female writers are presented as example of this literary militancy. Women that, through their romances, chronicles and poems, denounce the gender and race issues in their society.

KEYWORDS: Feminist Literature. Structural Racism. Black Feminisms.

La literatura como herramienta de militancia del feminismo negro

RESUMEN

Este artículo comienza presentando el racismo como un problema estructural en la sociedad occidental contemporánea. Este problema impregna todos los sectores e instancias. En este escenario, el ensayo deconstruye la idea de "sujeto neutral universal" y denuncia el supuesto sujeto "universal" como muy específico: el hombre blanco heterosexual occidental; en otras palabras, el "estándar ideal", "valorizado socialmente". Presentado este contexto, el estudio avanza hacia su objetivo principal: señalar la literatura como una herramienta de militancia importante para los feminismos negros. En conclusión, se presentan importantes escritoras negras como ejemplo de esta militancia literaria. Mujeres que, a través de sus romances, crónicas y poemas, denuncian los problemas de género y raza en su sociedad.

PALABRAS CLAVE: Literatura feminista. El racismo estructural. Feminismos Negros.

NOTAS

¹ Carolina de Jesus (1914-1917), considerada uma das mais importantes escritoras do país, tem seu livro “Quarto de Despejo” como o livro brasileiro com maior número de traduções no mundo. Escritora e poetisa, era feminista da prática, sem mesmo saber que o era.

² Professora universitária, ativista e feminista negra, Lélia Gonzalez (1935-1994), tornou-se referência na luta antirracista e feminista não apenas no Brasil, mas também no exterior. Figura central a reformulação do movimento negro brasileiro, suas obras em muito contribuíram para o enfrentamento às desigualdades de raça, classe e gênero.

³ Importante teórica negra e feminista, Sueli Carneiro (1950-), que se diz “filhote de Lélia Gonzalez [...] Eu sou uma feminista negra antirracista”, é filósofa reconhecida nacional e internacionalmente por sua atuação na militância feminista e antirracista, seja no âmbito acadêmico, movimentos sociais ou formulações de políticas públicas. Ela aponta para a necessidade da formação do feminismo negro, uma vez que suas pautas não se encontravam contempladas no feminismo hegemônico. Segundo ela, é preciso “enegrecer” o feminismo. (CARNEIRO, 2003, p. 118).

⁴ Conceição Evaristo (1946-), grande escritora feminista negra, é mestra em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, com uma extensa e brilhante obra literária, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, da qual, injustamente, não foi eleita.

⁵ Da nova geração de feministas negras brasileiras, a filósofa Djamilia Ribeiro (1980-) tem sua trajetória pautada na afirmação da mulher negra como central na construção intelectual da sociedade. Enfatiza o empoderamento feminino apostando, em especial, nas mídias virtuais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 2011. Disponível em: <https://youtu.be/wQk17RPuhW8>. Acesso em: 20/04/2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Nós deveríamos todos ser feministas**. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/fyOubzfkjXE>. Acesso em: 20/04/2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Dia da Consciência Negra: a soma das nossas pluralidades nos torna maiores**. Palestra proferida na PUC/PR em 23 de novembro de 2018. Disponível em <https://www.ufpr.br/mocambicanos-paulina-chiziane-e-dionisio-bahule-participam-da-programacao-do-mes-da-consciencia-negra-esta-semana/>. Acesso em: 23/05/2019.

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. São Paulo, Editora 34, 2010.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

JABARDO, Mercedes. **Feminismos negros**. Una antología. Editorial traficantes de sueños, 2012.

KOMINEK, Andrea M.V.; VANALI Ana C.(orgs.). **Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil**. Editora Fi, 2018.

LIMA, Ana Nery Correia. **Mulheres militantes negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas**. In Resumo do II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo horizonte, p. 15-27, 2013,

MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

SOARES, Vera. Movimento feminista: paradigmas e desafios. **Estudos Feministas**, a. 2, p. 11-24, jul./dez., 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089>. Acesso em: 23/01/2019.

SOUZA, Jessé; VALIM, Rafael (Coords.). **Resgatar o Brasil**. São Paulo: Editora Contracorrente/Boitempo, 2018.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação do direito das mulheres**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

XAVIER, Eliana Costa; ROCHA, Kátia Bones. Subjetividade e interseccionalidade: experiências de adoecimento de mulheres negras com doença falciforme. **Avances en Psicología Latinoamericana**, p.267-282, 2017. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/3804>. Acesso 28/01/2019.

Recebido: 29 jan. 2019.

Aprovado: 09 ago. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v13n41.9456.

Como citar: KOMINEK, Andrea Maila Voss; VANALI, Ana Christina; REZENDE, Silvio Andrade Moreira. Literatura como instrumento de militância dos Feminismos negros. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.13, n.41, p. 62-73, jan./jun. 2020.

Correspondência:

Andrea Maila Voss Kominek

Avenida Sete de setembro, 3165, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

